



Fernando Augusto¹

Entrevista com o artista Fernando Augusto. O modelo de questionário teve como referência o livro de Joe Fig, *Inside The Painter's Studio* (Princeton Architectural Press, 2009)

1. Quando foi que você se considerou um artista profissional, e quando se sentiu capaz de se dedicar à arte em tempo integral?

F.A. Não há uma data precisa. Trata-se de uma atitude que foi se impondo. Quando terminei minha graduação eu já havia participado de algumas exposições, salões de arte, e as pessoas já me chamavam de artista. Em Minas me chamavam de artista baiano, em Londrina de artista mineiro, agora em Vitória têm me chamado simplesmente de artista plástico. Mas tempo, tempo vem e esta falta de lugar me toca. No fundo isso, de certa maneira, tem a ver com o fato de me fazer artista. Lembro-me de uma fala de Abbas Kiarostami, cineasta iraniano. Diz ele que o fato de ter se tornado artista tem a ver com um problema de inquietude, "*de ter de sobreviver de qualquer maneira e reagir a um profundo sentimento de inadequação*". Acho que, se posso dizer que alguma coisa me faz artista, é este sentimento de inadequação, de se sentir inadequado em quase todos os lugares. Mas claro, voltando ao início da questão, nomear-me a mim mesmo artista não foi um movimento pacífico. Há uma certa inadequação nesta nomeação, como de resto haveria noutras.

2. E então, quanto tempo você tem estado em estúdio?

F.A. Tenho estúdio desde o tempo de estudante. Sempre batalhei por ter este espaço. Não vivo sem ele. Quando estudante em Belo Horizonte vivi em uma moradia e o meu

¹ Fernando Augusto dos Santos Neto é Artista Professor, colaborador da Universidade do Contestado e Professor Titular da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Possui graduação em Artes Plásticas pela Universidade Federal de Minas Gerais (1987), mestrado em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1995) e doutorado em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo D E A Sorbonne (2000). Tem experiência na área de Artes, atuando principalmente nos seguintes temas: Crítica de Arte, Semiótica, Fotografia, Desenho, Pintura.



estúdio era o meu quarto, tive sorte que naquela ocasião a casa, por ser um hospital invadido pelos estudantes para ser moradia estudantil, os quartos eram grandes. Dava para conciliar as duas coisas que no final era uma só. Depois tive ateliês em garagens, sobrelojas, com amigos, em salas de aula, etc. Em Londrina, para onde me mudei em 1990 para lecionar na UEL, nos primeiros meses meu ateliê era a própria sala de pintura. O ateliê atual, ou estúdio, é um apartamento antigo de quatro quartos entulhados de coisas, quadros, mapotecas, rolos de telas, livros, cadeiras, cavaletes, etc. É aqui que passo a maior parte do meu tempo. Há um quarto de visita e às vezes durmo no ateliê.

3. Quando você começou a trabalhar neste espaço?

F.A. Há uns três anos. Hoje ele já ficou pequeno e gostaria de mudar, mas a localização é boa. Enquanto não acho outro vou ficando por aqui.

4. A localização do seu estúdio influenciou seu trabalho de alguma forma?

F.A. Sim, de certa forma sim. Não é possível fazer determinados trabalhos em outros lugares senão neste... Lembro-me de Klee, artista genial que teve que se mudar constantemente por causa das guerras e da perseguição aos judeus e viver em pequenos apartamentos e, por isso mesmo, fez muitos desenhos e pinturas em pequenos formatos. Quase toda sua obra é em pequenos formatos. Isso aconteceu comigo em Londrina, quando meu ateliê era na sala de aula fiz muitos trabalhos nas dimensões 30x40cm. Nessa ocasião eu desenhava nas capas dos diários de classe da instituição. Foi assim que criei uma série de desenhos denominada "Diário de frequência", com a qual participei de vários eventos. Se não me engano tem uma obra desta no Museu de Arte de Santa Catarina (MASC), em Florianópolis.

5. Você pode descrever um dia típico em sua vida? Seja bem específico, com horários e seus procedimentos.

F.A. Poderia descrever o dia de hoje, por exemplo. Vejamos se a descrição de um dia é algo revelador. Começaria por dizer que dormi mal. Levantei cedo. Ontem à noite, dei aula de pintura na UFES e depois fui a uma exposição de arte na OÀ Galeria de arte, aqui de Vitória. Foi um ótimo momento. Vi os belíssimos desenhos de Adriana Galinari, que foi



Revista APOTHEKE

minha colega de escola na UFMG nos anos 80, e também os de Flávia Ribeiro, potente desenhista e escultora que conheci e entrevistei no evento Faxinal das Artes, no Paraná, em 2001. Conversei com elas, relembramos quando participamos de eventos juntos. Conversei também com outras pessoas, mas me demorei mais conversando com Polliana Dalla, jovem artista aqui de Vitória que foi minha aluna e está fazendo trabalhos excelentes de desenho, desenvolvendo trabalhos envolvendo viagens, textos, lugares, não lugares... E eu não sabia! Trocamos telefones e ficamos de marcar um encontro no ateliê dela para conhecer o espaço e ver a exposição que está acontecendo lá. Fui um dos últimos a sair da exposição e saí com a sensação de alegria e de gratidão pelo bom encontro com obras e artistas. Mas, no caminho para casa, passei no ateliê para pegar um material para a aula do dia seguinte (hoje). Sobre a mesa havia um desenho-colagem em processo. Dei uma olhada e trabalhei um pouco, fiz umas considerações ou correções. O referido desenho faz parte de uma série longa de trabalhos, mais de 500 desenhos, que se ramifica como grama no chão: fotografia, colagem, objeto e livros de artista. Comecei esta série denominada "Confissões" há cerca de 12 anos. "Confissões" porque eu queria falar de coisas que não se fala normalmente, da intimidade, do privado em face do público, algo da natureza do desvio, do crime, do indiscreto, como na psicanálise freudiana, como ele próprio escreve ao seu amigo Pfister, um espaço onde se possa "*ser sem escrúpulos, expor-se, arriscar-se, trair-se, comportar-se como o artista que compra tintas com o dinheiro da casa e queima os móveis para que o modelo não sinta frio. Sem alguma destas ações criminosas não se pode fazer nada direito*". Na ocasião comecei com restos de fotografias deixados no laboratório de revelação da UEL, provas de contato, provas de ampliação, eram, na sua maioria, retratos e nus. Eu estava fascinado por aquelas imagens em pedaços. Então comecei a escrever os pensamentos associativos a elas e não parei mais. Mas uma coisa que não tem fim incomoda, até onde ir com esta série? Recentemente, vasculhei gavetas recolhendo todas as minhas fotografias com o objetivo de pôr fim a todas que não passassem pelo crivo crítico e do interdito. Assim, fiz vários pacotes para que fossem recortadas, rasgadas, enfim, se tornarem desenhos, colagens ou ir para o lixo. Mas esse processo, ao



Revista APOTHEKE

invés de pôr fim a uma ideia, gerou outras. As imagens se multiplicaram, como ervas daninhas, e eu me vejo na iminência de fazer uma poda, como dizia creio que Jean Arp, isso mesmo, uma poda. Estou neste processo e, em conflito, a pressa para resolver, para fechar essa Gestalt, mas ao mesmo tempo uma fome que a deixa aberta. Bem, continuando, onde estava mesmo? Em casa, cheguei em casa mais de meia-noite, faço uns quinze minutos de meditação sentado - zazen - e vou para cama. Durmo um pouco, acordo e o sono não vem mais. Conto carneirinho, me perco na contagem, tento criar uma história infantil para o meu filho, mas as frases mentais se embolam. Vem-me à mente o desejo de pintar, coisa que não estou fazendo esses meses por estar me dedicando ao trabalho de colagem e aulas na UFES. A última aula de pintura que dei, a de ontem, me deixou um certo incômodo. Achei que não ficou bem dada. Fico pensando que estou querendo ensinar arte aos alunos e às vezes tenho aquela sensação de tentar tirar leite de pedra. Muitos alunos estão ali não para serem artistas, mas para darem aula, se equiparem para um mercado de trabalho. Fico inquieto, com mil pensamentos na cabeça. Então me levanto e vou para o computador e escrevo o que seria um novo programa de aula de Pintura I para o próximo semestre. Se você quiser posso incluí-lo aqui neste texto, já que faz parte da descrição do dia. Voltei para cama, por volta das 5h me perguntando, o que verdadeiramente está tirando o meu sono? Não posso deixar de lembrar que dentro da série "pintura sobre pintura" tenho um trabalho com o título: "O que tira o sono do mundo". Chega o amanhecer. Por isso comecei esse texto dizendo que acordei cedo, que dormi mal. Fui para a UFES dar aula de Desenho I para turma de design, uma turma muito interessada, instigante... Pensava em fazer com eles uma aula externa, desenhar as árvores de baixo para cima, por isso pedi que trouxessem tecidos, porque iríamos desenhar deitados na grama. A ideia surgiu na aula da semana passada, quando pedi a todos para desenharem o chão aos seus pés, depois olhamos para cima, e perguntamos como seria desenhar o que está acima, o céu, as folhas das árvores. Aí surgiu a proposta de desenharmos deitados, na grama, as folhas, as árvores, etc. Fui pra aula com esse intuito, mas descobri que chovera durante a noite. Logo, não seria possível deitarmos na grama. Pena. Eu estava curioso. Será que funcionaria? Talvez volte a esta



Revista APOTHEKE

possibilidade um dia. Vamos ver. Fizemos aula na sala, desenhos de paisagens sonora, desenhos cegos e croquis a partir de imagens de revistas, desenhando com dois lápis na mesma mão e com tempo curto, depois retrato tendo como modelo um dos alunos. Combinamos a próxima aula ser no meu ateliê. É a segunda turma que terá aula comigo semana que vem, em meu ateliê, turma da quinta à noite e sexta de manhã. Por isso, na quinta, dormirei no ateliê. Assim, às 7h da manhã já estarei a postos para a aula da sexta. Vamos fazer uma aula-café-da-manhã. Peço para trazerem os cadernos de anotações. Vamos discutir os capítulos e temas do livro que será o trabalho de avaliação final da disciplina. Aproveito e pego as revistas das turmas passadas para mostrar como exemplo. Coloco na bolsa para levar para o ateliê. A bolsa fica pesada com cerca de vinte revistas de avaliação. Meio dia para tarde. O bairro onde eu moro, Jardim da Penha, fica perto da UFES. Vou para casa de bicicleta. Almoço. Tiro um cochilo de quinze minutos junto com Adriana, minha esposa, pois afinal dormira mal. Em seguida, acordamos nosso filho, Fernandinho, quatro anos, para ir para a escola. É dia de ir de fantasia, ele está lindamente vestido de pirata e diz que quer ir para escola comigo de bicicleta. É um prazer. E lá vamos nós para escola, que fica no bairro próximo, Praia do Canto, e de lá sigo para o Ateliê, no bairro Praia do Suá. Chego próximo às 14h. Decido o que fazer: responder estas perguntas, terminar um desenho de paisagem de três metros que está na parede há mais de um mês, e também fazer uma colagem da série "Confissões". O desenho de paisagem foi começado com um ex-aluno meu que se interessou em desenhar paisagem, então convidei-o para desenhar comigo... Trabalhamos uns três sábados seguidos, depois ele viajou, eu também, de modo que o desenho está na parede me esperando. Decido terminá-lo e guardá-lo, dar um tempo dele. Depois verei se está concluído mesmo. Em seguida, passo para as colagens com fotografia. Trabalho animado, rasgo, recorto fotografias, destruo imagens e crio imagens. Organizo alguns desenhos na forma de livros. Acho que levarei esta série a termo criando tópicos, algo como se fossem capítulos de um livro de muitas páginas. Nomeio alguns títulos destes "capítulos", "*Journal de Paris*", "Mostre-me teus seios", "Viagem ao Canadá". Colo algumas fotografias, colagens que são resolvidas sem desenhos em



folhas brancas e funcionam. Valeu! O tempo passa rápido! 8:30h. Hora de buscar o Fernandinho na escola. Pego a bicicleta e vamos para casa pela orla. O vento fresco bate em nosso rosto. Eu pergunto a ele, você gosta de passear de bicicleta com o papai? – Gosto! Tomamos banho, jantamos, assistimos um pouco de *Peppa Pig* que ele gosta. Conto para ele uma pequena história de um pequeno herói que criei para ele chamado Gato Sapé, intitulado “O dia em que o Gato Sapé perdeu a voz”. Ele dorme. Eu tomo um comprimido fitoterápico, valeriana, para ajudar no sono e... boa noite.

6. Você costuma ouvir música, rádio, TV quando está trabalhando, e isso afeta o seu trabalho?

F.A. Às vezes sim, às vezes não. Não é um quesito muito importante. Aprecio música, mas sou um ouvinte desatento e descuidado com meus CDs, LPs etc. Contudo há uma espécie de música que aprecio: os ruídos da rua, as vozes dos passantes, o barulho dos automóveis, enfim, toda sonoridade da rua. Isso me toca muito. Até tenho um exercício de desenho que desenvolvo com meus alunos, “Paisagem Sonora” ou “Percepção Gráfico Auditiva”, que foca isso. Trata-se de desenhar, com os olhos fechados, os estímulos sonoros do ambiente. Um som longo, traça-se uma linha longa ou algo parecido; um som perto, cria-se um traço correspondente ao “perto”; da mesma forma um som distante, ou sons curtos e assim por diante. O desenho final é uma trama, uma paisagem incrível! Esse exercício é um dos momentos obrigatórios em meus cursos. É uma experiência de concentração, de atenção fantástica. Acho que foi John Cage quem disse algo mais ou menos assim: que o barulho de um caminhão passando diante de um conservatório também é música. Estou com ele. Existem muitas músicas. Nossa escuta é que faz a música quando nos dispomos a escutar. Talvez por isso a use pouco como pano de fundo. Ela, para mim, é um elemento muito ativo. Às vezes desenho pensando em música, criando forma que se assemelham a uma partitura musical. Tem alguns desenhos meus que penso que poderiam ser tocados. Uma vez em Londrina conversei com alguns músicos a possibilidade de fazer algo assim. Mas a ideia se perdeu. Contudo esses desenhos me veem à mente sempre. São desenhos-partituras. Eu gostaria de encontrar um músico que topasse esse diálogo. Certamente seria surpreendente.



7. Que tipo de tintas que você usa?

F.A. Uso normalmente tinta acrílica. Isso desde 1984. Uau! Trinta anos. Mas em 2012 retomei, paralelamente, a pintar a óleo. Fiz uma boa série de pinturas de pequenas dimensões, a maioria 30x40cm, que gostei muito, denominada "Habitar". Hoje penso em chamá-la "Cantos". Mas acho que os dois títulos são válidos porque são pinturas silenciosas. Elas têm como tema os interiores, os espaços vazios da casa, na maioria das vezes, meu ateliê. É um exercício que uma vez levei para meus alunos de desenho e cor e penso que tem tudo a ver retomar esta via. São pinturas de cantos de parede! Pode parecer absurdo, mas não. Elas tratam exatamente da atitude de olhar os cantos e recantos do meu ateliê, repetidas vezes, e pintar os mesmos cantos ou ângulos novos sempre que possível. Tenho descoberto como é infinita essa possibilidade. Aprendo muito sobre pintura nessa atitude, e também sobre a vida. Essa ideia me interessa: ficar dentro de casa e olhar minha casa. Pintá-la infinitamente! Lembra Proust que uma vez disse que escrever é arte de ficar dentro de um quarto e, assim ele escreveu sua monumental obra "Em busca do tempo perdido". Essa ideia ainda está de pé.

8. Fale-me um pouco sobre sua paleta de pintura?

F.A. Ao ler sua pergunta, a primeira coisa que pensei foi dizer que não tenho paleta. Mas, considere. Primeiramente, há uma certa gama de cores e tonalidades que estão sempre presentes em minha pintura. São os cinzas, os pretos, os azuis, os vermelhos. Mas tudo isso muda se faço aquarela: ali a cor se apresenta e às vezes é elemento definidor. Refleti e pensei que paleta pode também querer dizer estilo, e isso muda um pouco de figura, embora não o perfil. À questão do estilo eu responderia que também não tenho estilo, e não porque não queira, mas por fundamento, não tenho o apoio do estilo! Podem me chamar de um fazedor, de um buscador, o que não é uma boa tradução para ninguém. Mas, diversidade, a experimentação ou mesmo a ansiedade, a fragmentação, são minhas praias. Mesmo trabalhando fielmente os meios pintura, desenho, fotografia, sou um artista infiel. Não sigo uma linha, ou sigo de tempo em tempo alguma coisa que logo vira outra, e em quase todas, experimento um gosto acre de fracasso. Sim, eu falei acima



do sentimento de inadequação e, isso não é retórica, ele está em minha pintura como algo que não se fecha ou se realiza em uma ou outra pintura apenas. Mas voltando à paleta, ou melhor, ao estilo, já me culpei e sofri por não ter estilo. Sim, acredito que o estilo seja um apoio, uma espécie de segurança, de profundidade, de satisfação, até mesmo de medida do que foi feito para o artista e para o meio artístico, e que assim, legitima o trabalho. Mas não sei ter um, não sei ser fiel, como talvez não o saiba ser de um lugar. E não falo como Antônio Dias (acho que foi ele quem disse isso) que a vantagem de não ser de um lugar é ser de todos os lugares. Não, não sei ser fiel a um programa e consubstanciar isso em um estilo. Algo que se veja e diga: ah! é F. Augusto! Amílcar de Castro dizia que seu trabalho "era como um ferro de marcar boi", sempre naquela linha do "corte e dobra". Não, eu não tenho essa coerência. Ultimamente tenho curtido a ideia, essa multiplicidade e variação em desenho, pintura e fotografia e, de mais a mais, tenho assumido o fato de não ter estilo "como um estilo". Sim, acho que este é o quadrado que me cabe. Um quadrado um tanto irregular, mas onde posso me mexer. Per Kirkeby em "Imagens posteriores", Bienal de São Paulo de 1994, diz que estilo é um conceito perigoso para um artista vivo, mas também um feito imprescindível, e acrescenta que "*na finalização de um quadro, o pintor não pode escapar do estilo. Mas se o feito não for conquistado a cada vez, ele é morto, não o quadro, mas o estilo*". Eu posso não ter escapado de um estilo, mas não posso dizer que o tenha, assim, na variedade de formas que me interessa. Só posso aumentar esta provocação: o não estilo como estilo.

9. Existem objetos específicos (no ateliê) que têm um significado importante para você?

F.A. Sim e não. De um lado, nada tenho no ateliê que seja tão significativo. Todos os objetos aqui são passíveis de troca, de serem vendidos, perdidos etc. Por outro lado, se olho vagarosamente, existem alguns desenhos, algumas pinturas, alguns livros que eu preso muito, e assim por diante, de forma que todos ganham um significado importante, e por isso não desprezo nada. Sou um ajuntador de coisas. É o caso das telas fracassadas ou abandonadas no ateliê que deveriam ir para o lixo, mas não vão. Chega um dia em que as retomo com um outro olhar, um outro ímpeto.



Assim é que inventei essa via de pintura sobre pintura. Como escrevi no livro, não se trata de uma metáfora, nem uma técnica, mas um procedimento aberto, uma possibilidade de se trabalhar o interminável, de conviver com o inacabado, com o resto, com a sobra, com o fracasso, com o que foi recusado. Se se trabalha com afinco, se levamos o trabalho à frente, ele sempre chega a algum lugar; alguma "figura" emergirá do caos. É por isso que, ultimamente, tenho criado colagens e objetos aproveitando cada vez mais materiais presentes no ateliê.

10. Você tem ferramentas que são exclusivas para o seu processo criativo?

F.A. Não. Sou um artista meio sujo, pinto e desenho com o papel ou tecido sobre o chão, sobre a mesa ou sobre a parede, sem nenhuma preferência. Tudo depende do próprio trabalho. Às vezes levo meses sem varrer o ateliê, embora goste do ambiente limpo, mas o ritmo de trabalho não deixa. Admiro o ateliê de Francis Bacon, aquela bagunça genial. Como ele conseguia viver ali? Não, eu preciso varrer pelo menos uma vez por mês o espaço. É uma delícia tê-lo limpinho, parece que renova o ânimo, as ideias. Mas, para sujar. A assepsia é pouco criativa.

11. Você trabalha em uma pintura (ou gravura ou projetos) de cada vez ou várias ao mesmo tempo?

F.A. Trabalho em várias obras ao mesmo tempo, mas uma depois da outra. Acho que todo artista faz isso. Às vezes o fazemos por conta de um trabalho que leva tempo para secar. Outras vezes porque precisamos tomar tempo para articular, maturar certas possibilidades. No meu caso, é comum levar meses, anos com trabalhos interrompidos, esperando por finalização. Por isso, outros caminham em paralelo. Como dou aulas na Universidade, minhas idas ao ateliê são um tanto desordenadas. Muitas vezes são visitas curtas. A não ser num momento de exposição, quando se tem que trabalhar com prazos. Mas vou ao ateliê todos os dias. Não tenho aquele tempo ocioso de ficar no ateliê, sentado, fumando um cigarro ou tomando uma cerveja. Na verdade, isso é uma coisa que me cobro fazer, inclusive chamar os amigos para passarmos tardes no ateliê, alunos também, porque senão fica uma solidão danada.

12. Como é que você escolhe ou cria os títulos?

F.A. Gosto de colocar títulos em meus trabalhos, mas nem sempre eles vêm. Um artista que eu admiro muito pela obra e pela capacidade de criar títulos e textos é o Klee. Nele, os títulos por vezes são uma chave para circular pelo trabalho, ou mesmo parte do trabalho enquanto forma ou



elemento gráfico. E isso é bellissimo! Gosto desta interação texto e pintura. Por isso incluo palavras e frases em muitas das minhas composições. São palavras que podem ser lidas, jogando tanto com a forma quanto com a semântica. Imprimo a palavra no plano como desenho, mas seu significado é importante. Assim nascem muitos títulos dos meus trabalhos. Mas como vêm estas palavras ou frases? Às vezes de uma leitura que me interessou, às vezes casualmente no processo mesmo de feitura, às vezes por livre associação, prestando atenção no fluxo mental e pinçando alguma coisa.

13. Você tem assistentes?

F.A. Sim, preciso de um assistente para levar tantos projetos à frente. Tenho um apenas, mas se pudesse, se houvesse mercado, teria mais. Para os trabalhos de Paisagem da Série "Viajamos para viver", cheguei a trabalhar com vários alunos que fizeram um pequeno estágio no meu ateliê para desenhar paisagens. Eles me ajudaram a fazer algumas paisagens grandes. Neste momento eu atuava como solista e como maestro na condução de uma orquestra. Foi uma epopeia interessante e de bastante aprendizado para todos.

14. Alguma vez você trabalhou para outro artista?

F.A. Não tive essa oportunidade, mas sei de muitos artistas que fizeram isso e narram a experiência como algo de grande aprendizado. Mas é preciso ter jeito para isso, ter humildade e saber que a moeda ali é o aprendizado, o convívio. Eu fui muito próximo de Amílcar de Casto e, uma vez, cheguei a perguntar se ele não me aceitaria como assistente, mas já tinha um e não me aceitou. Mas mesmo assim, ia sempre ao seu ateliê e, talvez para compensar isso e continuar aprendendo com ele, na ocasião do meu doutorado, realizei uma série longa de entrevistas com ele. Uma conversa fabulosa! Pena este material ainda estar inédito.

15. Como artista, você tem um lema ou credo?

F.A. Não sei, já tive alguns. Hoje estou mais na via do não sei. Já tive momentos que acreditei mesmo ter um credo, e assim ter coisas para dizer para os outros e insistir nisso. Hoje prefiro o diálogo interessado. Certa vez, em um bate papo com o artista mineiro Marcos Coelho Benjamim, ele abriu a conversa dizendo que era movido a perguntas, portanto para haver o bate papo era preciso que se fizesse perguntas. Não quero dizer com isso que não acredito em nada. Poderia dizer que sou agnóstico e que vejo tudo como possibilidades. Lembro-me de ter feito uma pergunta



Revista APOTHEKE

parecida a Amílcar de Castro e a resposta que ele deu eu guardo na mente e no coração até hoje. A pergunta foi: *Você é religioso?* A resposta: *"Acredito mais ou menos. É isso aí. Não é aquela fé toda. Eu tenho fé é na arte. Isso eu tenho demais. Fé! E acho que sem ela não teria como fazer nada. O sujeito pode ser o que quiser, pintor, escultor, poeta, músico, mas se ele não tiver fé, no sentido de creditar naquilo que ele está fazendo como se acredita em Deus, acreditar ferozmente, ele não faz nada, nem chega a lugar nenhum. Ele tem que ter fé e vencer tudo o que está à frente. Sem isso não vai. Por isso, a gente pode ver alguns alunos na escola: Três têm fé, trezentos não têm! Isso é duro. E outra coisa, a fé não é uma coisa pousada, tipo: "agora eu vou ter fé", não, você tem ou não tem. Você não adquire isso, você não conquista. É sua ou então não é sua. É natural ou não é nada. Ela não é pose, ela é estado de ser. Ela é de fundamento."*

16. Que conselho você daria a um jovem artista que está começando?

F.A. Que seja uma pessoa de bem. Que procure ser feliz em seu trabalho, em sua vida e que seja uma pessoa de bem.



